

SER PROFESSOR DE ARTES CÊNICAS NO CAP-UFRJ Entre o Ensino, a Pesquisa e a Extensão

Cleusa Joceleia (Celeia) Machado (CAP – UFRJ)¹

Maria Fátima Simões Novo (CAP – UFRJ)²

Andrea Pinheiro Da Silva (CAP – UFRJ)³

Débora Azevedo (CAP – UFRJ)⁴

17

Os docentes de Artes Cênicas do CAP - UFRJ tem construído uma prática na qual se articulam funções de um docente de Ensino Básico, a formação de professores e atividades comprometidas com o tripé ensino-pesquisa-extensão, mantendo-se em permanente diálogo com os princípios e valores que norteiam o Ensino Superior. A variedade de olhares e fazeres que se reúnem neste espaço tem revelado múltiplos movimentos, aproximações e contrastes, nem sempre harmônicos e frequentemente complexos. Apresentam diversas formas de relação com o fazer teatral, afora a vivência pedagógica da linguagem cênica no universo escolar, criando possibilidades de integração entre a Educação Básica e o Ensino Universitário. Sobretudo, tem levado a construir uma dinâmica particular de organização do fazer acadêmico.

Ensino de teatro; Colégio de Aplicação; Formação de professores; Professor-pesquisador.

BEING A PROFESSOR OF PERFORMING ARTS AT CAP-UFRJ: Between Teaching, Research and Extension

The teachers of Theatrical Arts at CAP - UFRJ have developed a practice in which some functions are articulated: that of an elementary teacher, that of training teachers to-be and activities engaged with the tripod, a formação de professores e atividades comprometidas com o tripé teaching-research-extension, keeping it in permanent dialogue with the principles and values that orientate higher teaching. The variety of perspectives and practices that are gathered in this space have revealed multiple movements, approaches and contrasts, not always harmonious and often complex. They present diverse forms of relationship with the practice of the performing arts, besides the pedagogic experience of the performing language within the school universe, creating possibilities of integration between Physical Education and higher teaching. Above all, it has been conducive to a particular dynamics of organization of the academic practices.

Teaching of the Performing Arts; Training of the Teaching Qualification Course; Teaching Qualification Course; Teacher-Researcher.

As respostas nos permitem andar
sobre terra firme.
Mas somente as perguntas nos
permitem entrar
pelo mar desconhecido.
Rubem Alves

O Colégio de Aplicação é um órgão suplementar da Universidade Federal do Rio de Janeiro, conhecido como CAP/UFRJ. Caracteriza-se por ser uma instituição escolar, comprometida com a formação de professores e com um trabalho docente de perfil universitário, alicerçado nos eixos de ensino, pesquisa e extensão que regem a Universidade. O Setor Curricular Artes Cênicas do CAP/UFRJ – Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – atua na grade curricular de caráter obrigatório do 6º ano do Ensino Fundamental ao 2º ano do Ensino Médio e recebe

aproximadamente 50 alunos de graduação entre licenciandos, bolsistas e estagiários, oriundos da UFRJ dos Cursos de Artes Visuais, Dança, Indumentária e Direção Teatral e do Curso de Licenciatura em Teatro da UNIRIO.

A variedade de olhares e fazeres que se reúnem neste espaço tem revelado múltiplos movimentos, aproximações e contrastes, nem sempre harmônicos e frequentemente complexos. Apresentam diversas formas de relação com o fazer teatral: a vivência pedagógica da linguagem cênica no universo escolar, simultaneamente à experiência profissional, criando possibilidades de integração entre a Educação Básica e o Ensino Universitário. Sobretudo, tem levado a construir uma dinâmica particular de organização da nossa prática em sala de aula e da orientação aos graduandos.

A partir desta experiência, surgiu uma necessidade de compartilhar e refletir as várias

práticas de ensino e de iniciação profissional que convivem no ensino de Artes Cênicas do CAP, por meio do relato deste caminho pedagógico.

Como se dão estas relações em sala de aula? Como tecer o fio didático com tantas interferências? Em que lugar dialogam tantas expectativas e interesses? Qual o papel do professor/orientador do CAP? Estas são algumas das questões que este caminho tem produzido. Mais do que respostas, queremos partilhar essa história, as condições e as circunstâncias que nos deparamos e que geraram inéditas formas de agir e de nos posicionar.

SOBRE O ENSINO DE ARTES CÊNICAS

Refletir sobre o nosso fazer – ser docente de Artes Cênicas no Colégio de Aplicação da UFRJ – nos remete não só ao aqui e agora, ao que somos hoje, mas também à memória, avaliando o passado e com o olhar para o futuro, a partir do já conquistado, sabendo de antemão, que novos desafios nos espreitam, já que a vida é constante movimento e transformação.

Recuperando a história do ensino de Artes Cênicas no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - CAP, através de relatos orais, voltamos aos anos setenta e oitenta. Nesta época, o CAP já oferecia atividades ligadas ao Teatro, antes mesmo da obrigatoriedade por lei. Entretanto, não era oferecido a todos os alunos nem para todas as turmas, e apenas com um professor responsável pela disciplina. Naquele momento, a presença das Artes Cênicas no ambiente escolar objetivava a produção de um espetáculo.

Daquele contexto, os relatos revelam o envolvimento dos alunos que participavam destas apresentações e destacam que alguns deles, segundo algumas informações, depois seguiram a carreira artística. Parece ter sido emblemático o TACAP (Teatro do CAP), grupo que apresentava encenações produzidas pelos alunos, sob orientação do único professor que havia então.

Com a obrigatoriedade do oferecimento de Educação Artística a partir de 1971 (LDB nº 5692/71) para os alunos da 5ª série do 1º Grau à 3ª série do 2º Grau (atuais 6º ano do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio), ocorre a institucionalização e regulamentação do ensino de Artes Cênicas. Entretanto, no CAP isto só se efetiva alguns anos mais tarde e apenas para o segundo segmento do Ensino Fundamental (5ª à 8ª séries). Ainda assim, Artes Cênicas era lecionada somente durante a metade do ano letivo. O outro período era para as atividades de Música. Desta forma, o curto tempo destinado à vivência e ao aprendizado da disciplina comprometia a proposta curricular.

Graças à luta dos professores de Artes, em especial os de Artes Cênicas, que tornaram o seu trabalho reconhecido como importante conteúdo para a formação do aluno, é que se conseguiu que a disciplina passasse a ser oferecida para todas as

turmas e séries desse segmento durante todo o ano letivo, bem como Música.

Alguns anos mais tarde, no fim da década de oitenta, uma nova conquista se faz. Artes Cênicas passa a ser oferecida também para o 1º e 2º anos do antigo 2º Grau, hoje Ensino Médio. Passamos a oferecer dois tempos de aula para as turmas do Ensino Médio, o 1º e 2º anos, objetivando o aprofundamento da linguagem teatral e a realização de um trabalho artístico na perspectiva de criação autoral dos alunos. Durante alguns anos o professor que orientava este trabalho seguia a perspectiva brechtiana.

Eram os anos de construção e discussões em busca de caminhos para o desenvolvimento da disciplina, não só no CAP da UFRJ como em todo o Brasil. Os debates ocorriam em torno da discussão teórica da corrente Contextualista ou Instrumental e da corrente Essencialista ou Estética (BARBOSA, 1984). As discussões envolviam até o próprio nome da disciplina, rejeitado por uns e defendido por outros. Defendia-se Artes Cênicas, em vez de Teatro, pois este último era associado à produção de espetáculos, aos antigos “teatrinhos da escola” e questionava-se o pouco vínculo com as questões de Educação. Enfim, buscava-se o reconhecimento do trabalho e da expressão teatral, sem a glamourização das mídias e a lógica do capital que ocorre até hoje. Reflexo da conjuntura da época de um teatro político, de um teatro que se propunha questionar o *status quo* fundado na reflexão. À época, era insuportável a ideia de se fazer Teatro, pois se compreendia que realização teatral na escola tinha como objetivo apenas como exibição pessoal ou para agradar os pais dos alunos.

Mas a vida e suas demandas ao longo dos anos nos levaram a novos desenhos e formatos para a disciplina. Novos caminhos, sem perder o compromisso que é trabalhar com Arte e Artes Cênicas no universo escolar.

E assim..., como os alunos do CAP ainda se identificavam com as apresentações, diziam que “queriam fazer teatro”. Pareciam não reconhecer o fazer da sala de aula também como teatro. Simultaneamente, nossos estudos, discussões filosóficas e metodológicas caminhavam para incorporar ao processo pedagógico o produto, ou seja, também as apresentações, as montagens, o espetáculo. Percebemos que, no que tange à linguagem teatral, ao estar em cena, em contato com o público, o aluno desenvolve grande parte do seu aprendizado técnico e estético com mais consciência e rapidez. É, por vezes, na resolução dos problemas ocorridos em cena que ele aprende questões relativas ao posicionamento do seu corpo, da sua voz, da sua interpretação. E isso é motivado pelo desejo, pela necessidade de se comunicar com o público.

Portanto, mais uma vez, surgiam os nossos projetos com o objetivo de contemplar e conciliar o processo educativo e expressivo teatral com a

vivência de montagens. O projeto EncenaAÇÃO foi o nosso primeiro projeto dentro desta perspectiva, realizado com os alunos do segundo ano do Ensino Médio, quando os mesmos terminavam o processo de aprendizagem de Artes Cênicas, o que permanece até hoje com algumas variações.

Discutia-se a relação entre processo e produto na arte educação, a educação no século XXI e as novas tecnologias. Enfim, refletia-se sobre o compromisso do educador na formação integral de pessoas, o conhecimento de arte e o papel das Artes Cênicas neste cenário. Todas essas reflexões permitiram experimentação de novas metodologias e correntes pedagógicas teatrais tanto na prática de sala de aula quanto na existência de projetos.

A legislação atual (LDB nº 9.394/96) apesar de diversos acréscimos, não garante a solução para a questão do “ensino de arte” quanto ao oferecimento de todas as linguagens para todos os anos da Educação Básica. Há apenas a obrigatoriedade do ensino de uma dessas linguagens por ano. Porém, no Colégio de Aplicação da UFRJ todas as linguagens artísticas – Artes Visuais, Artes Cênicas e Música – são disciplinas que compõem a matriz curricular da escola, sendo, portanto, oferecidas em conjunto. No período entre o 6º ano e o 9º anos do Ensino Fundamental, são oferecidas na grade curricular regular, em caráter obrigatório.

Hoje o setor curricular de Artes Cênicas da UFRJ se compõe de quatro professores e atende a todos os alunos das turmas desde o sexto ano do Ensino Fundamental até o segundo ano do Ensino Médio. O programa curricular contempla eixos pedagógicos de ensino para cada ano. Do 6º ao 9º ano, se tem por objetivo a compreensão dos elementos que constroem a linguagem cênica. Alguns conceitos e noções são tratados: o jogo como metodologia de construção e relação da/na cena, o espaço e suas variações, as funções profissionais do teatro e seus universos de atuação (ator, diretor, cenógrafo, figurinista, iluminador, maquiador, dentre outros), períodos da história do teatro, texto e palavra, dentre outros temas que permitam ao estudante estabelecer contato e reflexões acerca do universo cênico.

No Ensino Médio, os alunos, por já terem vivenciado as diferentes expressões artísticas, escolhem uma das três linguagens para se aprofundar, ou seja, Artes Cênicas, Artes Visuais ou Música. As três linguagens oferecem projetos na perspectiva do aprofundamento da linguagem. No caso das Artes Cênicas, o programa curricular incorpora a vivência e a reflexão sobre a produção teatral.

Outra questão de extrema importância para nosso fazer refere-se às questões de infra-estrutura, ou seja, espaço para a aula. Hoje temos um espaço de sala de aula de aproximadamente 90 metros quadrados, uma sala de reunião para atendimento aos licenciandos e estagiários e para as reuniões da equipe, um pequeno camarim onde se guardam os

materiais de aula e uma sala anexa, junto à entrada do Teatro, que atende ao projeto “FORA DE CENA” para guardar o acervo de figurinos, adereços etc..

Claro que estas condições materiais de trabalho se efetivam pela conquista dos docentes da equipe, fundada no compromisso e envolvimento não só com o CAp, mas também na crença da importância da disciplina para cada um de nós professores e na formação dos alunos.

O trabalho pedagógico do Setor Curricular de Artes Cênicas abrange as aulas para os alunos da escola, a orientação e supervisão didática dos licenciandos e o desenvolvimento de diversos projetos.

SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Alicerçado nos princípios da observação, co-participação e regência, o Colégio de Aplicação recebe, anualmente, centenas de estagiários dos mais variados cursos da UFRJ. No setor curricular de Artes Cênicas, temos uma multiplicidade e variedade de olhares, já que recebemos não apenas os alunos da Licenciatura – em Dança e Artes Visuais⁵ – bem como os alunos da Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)⁶. Além disso, por conta dos projetos de ensino, pesquisa e extensão que desenvolvemos, recebemos bacharelados dos Cursos de Direção Teatral, Dança e Indumentária, que também acompanham as nossas aulas e participam das reuniões de orientação.

De forma geral, o trabalho com licenciandos se operacionaliza da seguinte maneira: cada graduando acompanha as aulas de artes cênicas de uma ou duas turmas do Ensino Básico e, em seguida, tem uma aula de orientação necessariamente vinculada à aula do Ensino Básico. Na aula, ele realiza, entre outras, tarefas de observação e acompanhamento, participação nos exercícios, apoio na condução de dinâmicas, participação no “*feed back*” de cada aula, até concluir o seu estágio efetivado com uma participação autônoma de orientação de aula, na maioria das vezes uma regência de classe. Na aula de orientação, ele discute com o professor regente (no caso, nós, professores do CAp) a aula e sua dinâmica, desenvolvendo atividades de planejamento, criação e pesquisa de jogos, avaliação do processo dos alunos e elaboração de plano de aula.

Regularmente, cada turma é acompanhada de dois a quatro graduandos dos diferentes cursos citados, resultando em um grupo de oito a dez licenciandos para cada professor do CAp orientar, em diferentes horários. Portanto, para cada turma que lecionamos, temos outra, composta por alunos maiores em idade, sem uniforme, oriundos de grades curriculares variadas, com noções e perspectivas distintas acerca da educação, mas que têm como ponto convergente, o Colégio de

Aplicação e mais especificamente, o setor de Artes Cênicas.

Tamanha diversidade faz com que tenhamos, não raro, a rica oportunidade de explorar e dialogar com os diversos aspectos e trajetórias dos profissionais em formação, que, no dia a dia do estágio, expõem seus objetivos e anseios, dúvidas e expectativas. Cabe a nós, professores do setor, acolher as inúmeras – e distintas – contribuições, à medida que mediamos, ponderamos, investigamos e estimulamos a construção, por parte de cada um, dos profissionais que aspiram a ser.

Temos aí, um grande nó – e ao mesmo tempo uma grande oportunidade – de costurar estes olhares em uma trama complexa e rica, alinhando uma troca profícua de metodologias que contribua para a formação profissional destes jovens e o desenvolvimento dos estudos em nossa área.

É frequentemente difícil e delicado - mas é este o papel que nos cabe, como professores da Educação Básica, comprometidos com a formação de professores – estabelecer, junto aos estagiários, um espaço construtivo de aprendizado, em que as ideias e opiniões sejam bem-vindas, mas que também haja regras e limites. Não se trata de acolher todos os pontos de vista pura e simplesmente, nem tampouco de dar vazão à vivência de todas as experiências por eles desejadas. Há que se contribuir para com a formação destes profissionais com referencial teórico adequado e atualizado, bem como instigá-los, “cutucá-los”, questionando e sacudindo suas noções e convicções. O espaço do estágio é a hora da prática – da didática, da metodologia – mas também é o espaço da reflexão e da pavimentação do ofício de professor que exercerão no futuro.

SOBRE AS ATIVIDADES DE PESQUISA E EXTENSÃO

No CAP, além de atuar no ensino básico e na formação de professores, os docentes são requisitados a desenvolver atividades de pesquisa e extensão, mantendo-se em permanente diálogo com os princípios e valores que norteiam o ensino superior.

Nesta direção, o Setor de Artes Cênicas vem construindo um caminho de pesquisa no campo do ensino de Teatro, solidificando uma trajetória de projetos e de reflexões pedagógicas e acadêmicas tecidas a partir do confronto diário com os desafios e as demandas da aula, da orientação e dos processos de pesquisa.

Em 2014, quatro projetos de diferentes naturezas encontram-se em atividade:

1. Projeto EncenaÇÃO

Este Projeto é desenvolvido desde 1997 e tem por objetivo estudar o processo de montagem no currículo do ensino de teatro na escola, investigando a vivência da criação e da produção

teatral no espaço escolar, nas suas mais diversas implicações. Operacionaliza-se nas aulas regulares de Artes Cênicas do 2º ano do Ensino Médio do CAP-UFRJ e propõe-se a aplicar um processo eminentemente pedagógico de montagem de um espetáculo, com alunos adolescentes entre 15 a 18 anos. Este processo abrange desde a preparação corporal e composição cênica até a concepção dos elementos que compõem este espetáculo e captação de recursos necessários para sua realização. Alunos universitários de diversas áreas comprometem-se com a direção e elaboração do espetáculo, a preparação corporal, criação e execução de figurinos e cenários, levantamento de recursos e produção etc., sempre supervisionados pelas professoras do 2º ano do Ensino Médio e coordenadoras do Projeto do ano correspondente.

A proposta pedagógica de criação teatral do Projeto fundamenta-se em duas premissas: 1) O fato teatral é resultado de um processo complexo de criação e produção que se configura, por meio de um esforço necessariamente coletivo, em um produto artístico de e para uma comunidade; 2) O ator é o elemento fundamental da produção teatral, sendo através dele que o texto e a cena tomam forma e se configuram em encenação.

Em 2011, decidimos ampliar e tornar o EncenaÇÃO uma linha de pesquisa, ensino e extensão setorial, agregando todos os demais projetos do Setor, abaixo descritos. Tal ampliação foi referendada em Conselho Pedagógico do CAP. Esta iniciativa visou unir nossos esforços e investimentos, como professores pesquisadores, no sentido da captação de recursos, bolsas e condições, bem como oportunizar maior dinâmica e aprofundamento na discussão, debates e divulgação dos nossos estudos e das nossas produções teatrais e acadêmicas, no âmbito interno e externo ao Setor, ao Colégio de Aplicação e à própria UFRJ.

2. Projeto Fazendo Gênero

O Projeto Fazendo Gênero investiga as condições e as competências fundamentais para que o adolescente e o seu grupo empreendam o caminho da criação e produção de um espetáculo teatral. Seu enfoque investigativo está centrado na experimentação de uma prática pedagógica que possibilite ao aluno a consciência e ampliação de seu vocabulário expressivo, de uma instrumentalização técnica básica e na formação de atitudes mais autônomas e reflexivas sobre o processo criativo teatral (MACHADO 2004; 2010).

Tem em vista a aplicação e a análise nas aulas de Artes Cênicas do 1º ano do Ensino Médio, de exercícios corporais e de jogos teatrais fundamentados nas ideias e conceitos do Teatro Físico, principalmente nos princípios dos territórios geodramáticos, conforme a pedagogia de ator elaborada por Jacques Lecoq.

3. Projeto Fora de Cena

Ao longo dos anos, as produções teatrais do Setor de Artes Cênicas favoreceram a aquisição de toda a sorte de material cênico, seja para as montagens propriamente, seja para as atividades cotidianas da disciplina Artes Cênicas. São objetos de cena, figurinos, material de costura, pintura, cenografia, mobiliário etc.. Desta forma, nasceu em meados de 2005 o projeto "Fora da Cena" que tem por objetivo selecionar, organizar e cadastrar os objetos do acervo do Teatro do Colégio de Aplicação da UFRJ, permitindo, assim, não só o ordenamento desse acervo, mas uma economia de gastos para as futuras montagens e funcionalidade no dia a dia da disciplina Artes Cênicas. Possibilita ainda a utilização destes materiais pelos alunos do Curso de Direção Teatral em suas montagens curriculares, como já ocorreu algumas vezes. A cada ano o acervo se amplia exigindo uma constante manutenção e atualização.

4. Projeto Teatro em Gotas

Desde abril de 2004, época de sua criação, o Projeto Teatro em Gotas atua na grade curricular do CAP-UFRJ, com o intuito de pesquisar diversas abordagens pedagógicas de estímulo ao fazer teatral. Com base nos suportes teóricos de Jean-Pierre Ryngaert e Peter Brook e atualmente em aplicação no 8º ano e no 1º do Ensino Médio, o projeto visa à investigação de novas metodologias de encenação, cujo ponto de partida seja o Jogo Teatral. É o jogo e seus indutores – o espaço, a imagem, o personagem e o texto – que conduz à encenação. A pesquisa envolve a elaboração e aplicação de jogos e o estímulo à criação, no espaço da sala de aula, de pequenos espetáculos de curta duração, em que os alunos participem ativamente da dramaturgia (selecionando ou escrevendo textos), da concepção do cenário e do figurino, e da encenação, criando e experimentando partituras e marcações.

O projeto também busca investigar e analisar diversas possibilidades de relação entre os atores e o público, à medida que “brinca” entre o diálogo e a narração. Para tal, dá grande ênfase à utilização de textos não-dramáticos (narrações ou poesia), aliados ou contrapostos aos dramáticos. Propõe-se, assim, um jogo dramático e cênico, de personagens e espaços, textos e tramas (SILVA, 2009).

Outro braço importante do projeto é o grupo de teatro CAPachos da ARte, de natureza extra-curricular, que monta, anualmente, espetáculos em parceria com a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, da FIOCRUZ.

E dois novos projetos iniciaram em 2014:

1. Projeto Percebendo A Mim E A Você, Aqui E Agora, Vivo A Dança E O Teatro

Projeto de pesquisa que visa investigar o diálogo entre a corporeidade e o teatro com alunos

do 6º ano do ensino fundamental. O Projeto tem dois enfoques: um pretende articular os objetivos da dança e do teatro, visando discutir as questões da corporeidade no início da experiência e contato com a linguagem, como é o caso do 6º ano no CAP/UFRJ; o segundo enfoque busca promover um trabalho de desenvolvimento da consciência corporal na faixa etária da série (NOVO, 1994).

2. Laboratório de Produção

O Laboratório tem por objetivo formar um grupo de suporte, acompanhamento, apoio técnico e operacional em um ambiente cooperativo para as mais diversas atividades do Setor de Artes Cênicas, por exemplo: idas ao teatro, performances e montagens internas e externas ao Colégio, organização da biblioteca, leituras dramáticas, entre outras. Portanto, fundamentalmente visa criar um espaço de prática profissional, contemplando a demanda que a grande maioria destas atividades requer: considerável diligência e cuidados, atenção e cuidados próprios de cada faixa etária, no sentido de organização, planejamento e coordenação das ações para garantir a execução do espetáculo e o bem estar dos participantes, sejam crianças ou jovens.

Todos os seis projetos recebem bolsistas de diferentes programas: “Iniciação Científica”, “Iniciação Científica Ensino Médio”, “Iniciação Artística e Cultural” e “Extensão”. São aproximadamente 20 bolsistas que atuam sob a orientação dos quatro professores do Setor, realizando as mais diferentes atividades:

- participação no planejamento, aplicação e avaliação das atividades de aula;
- leitura, pesquisa e elaboração de textos;
- direção e coreografia de cenas e partituras;
- organização do acervo de livros, peças, figurinos e materiais cênicos;
- participação na organização de eventos, tais como idas ao teatro;
- prestação de apoio às diversas iniciativas do setor de Artes Cênicas, encarregando-se das tarefas de produção, cenografia e figurino das montagens;
- criação, montagem e operação de luz no espaço da sala de teatro.

Como produção acadêmica, os professores têm apresentado a experiência pedagógica de seus projetos e dos seus resultados pedagógicos e acadêmicos regularmente em congressos e seminários, tais como ENDIPE, Jornada Acadêmica da UFRJ e do CAP, inclusive no 8º *Congrès International Arts de la Scène-Education*- IDEA, em Paris. Vale compartilhar a produção dos bolsistas, que tem sido bastante profícua: nos últimos anos, apresentaram trabalhos na Jornada Acadêmica interna do Colégio de Aplicação e na Jornada Acadêmica da UFRJ. Inclusive, em 2011, o trabalho do grupo de bolsistas do Projeto Fazendo Gênero foi selecionado entre os 8 melhores trabalhos do

Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da UFRJ, obtendo o Prêmio Menção Honrosa na XXXIII Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Artística e Cultural - JICAC-2011. E em 2013, cinco trabalhos de diferentes Projetos foram selecionados para publicar em uma edição especial com os melhores trabalhos do CFCH apresentados na XXXVJICAC-2013.

São muitos projetos, estudos e atividades acontecendo simultaneamente. Muita gente e muita coisa acontecem no espaço das Artes Cênicas. Diferentemente das disciplinas curriculares mais tradicionais -- tais quais Matemática, História, Língua Portuguesa, entre outras -- a disciplina de Artes Cênicas não possui uma diretriz curricular rígida e, sobretudo, não compõe o conteúdo do ENEM e, por isso mesmo, não está assombrada pelo encargo de abarcar determinados conteúdos com o fim bastante restrito de habilitar o aluno para as provas de seleção das Universidades. Assim, cabe ao professor decidir sobre a sua prática diária, organizando o planejamento de aulas e escolhendo temas e conteúdos segundo um critério normalmente mais particular do que institucional.

Ao mesmo tempo em que essa natureza do ensino de Artes Cênicas confere uma grande liberdade, exige-nos também uma constante reflexão e avaliação das etapas do processo de aprendizagem. No Colégio de Aplicação, não existe um antes e um depois ao qual se deva seguir, observar e cumprir. Paradoxalmente, tudo é possível em uma aula e nem tudo é possível, depende do caminho que se está trilhando. A cada ano, fazemos uma avaliação do processo anterior, questionamos os objetivos e firmamos novas metas. E, durante o ano letivo, a partir da relação com a turma, construímos um fazer pedagógico a partir dos desafios do cotidiano: acrescentamos, subtraímos, redistribuímos os conteúdos, as atividades e os procedimentos.

Assim também acontece nas pesquisas. Os projetos não foram nem são pautadas em uma ação dirigida, calculada e sistematizada. Aproximam-se mais de uma criação espontânea. Surgem de alguma ideia e da vontade de experimentar esta ideia. E vão se inventando e agregando pessoas em torno de si. Os caminhos de cada projeto de pesquisa ou extensão do Setor de Artes Cênicas do CAP-UFRJ foram se construindo a partir das demandas da prática cotidiana, seja escutando a solicitação e questionamento dos alunos, seja por atenção aos anseios docentes e artísticos pessoais de cada professor. Ainda assim, é possível observar algo que os conecta: todos compartilham de uma ocupação ou de uma curiosidade sobre a maneira peculiar de fazer teatro na escola. O olhar encantado sobre a participação efetiva dos alunos frente ao processo artístico da montagem, a mobilização afetiva que envolve este processo e a inserção do que se monta no contexto capiano levaram-nos à reflexão sobre o processo de criação e produção estética na escola,

suas possibilidades de contribuição para a formação do indivíduo e de transformação do espaço escolar.

O Projeto EncenaAÇÃO é um exemplo desta inquietude. Não é à toa que se tornou um projeto em que todos os professores do Setor estão envolvidos. Foi o primeiro projeto a colocar a questão da produção no processo de ensino do CAP, retroalimentando a investigação na experiência de montagem e constantemente propondo novas abordagens e desafios.

A partir das discussões do EncenaAÇÃO, é possível rastrear as reflexões sobre a arte de fazer arte na escola com a qual temo-nos deparado: o espaço escolar parece inventar um percurso criativo próprio, construído na sua prática cotidiana, criando uma maneira peculiar de fazer teatro na escola, tal qual uma arte de fazer, emaranhada e engendradora a partir das possibilidades do cotidiano⁷ (CERTÉAU, 2000). Sobretudo, o caminho da montagem encerra ações com capacidade de intervir e transformar a cultura da coletividade em que está inscrita, ressaltando o elemento transformador da criação artística.

Assim MACHADO (2004) conclui sua análise sobre o processo do Espetáculo EncenaAÇÃO:

Se é verdade que o Projeto tinha “a cara” do CAP, ou seja, que havia sido profundamente marcado pelos valores e pela forma de ser do Colégio, igualmente é cabível afirmar que, no seu período de desenvolvimento, pôs em movimento e transformou o ambiente capiano.

Interessa-nos estudar o caráter pedagógico⁸ no percurso criativo de qualquer montagem teatral, dentro ou fora do espaço escolar. Partimos da ideia de que a criação artística não apenas é uma experiência que articula uma rede muito complexa e delicada de movimentos e afetos, mas também é sua contextualidade, seu laço estreito com as conjunturas do âmbito social em que se insere. O ato criativo manifesta aquilo que é característico e predominante nas atitudes e sentimentos dos indivíduos da sua comunidade, marcando as realizações de quem cria.

NOSSAS IMPERMANÊNCIAS: RELATO DE UM PROFESSOR SUBSTITUTO NO CAP-UFRJ

Na última década, os CAP tem sofrido com uma política devastadora que tem continuamente precarizado e desvalorizado o trabalho das Escolas de Ensino Básico das IFES. Isto fica evidente na contratação cada vez maior de professores temporários como meio paliativo de suprir a falta de concurso para professor efetivo, seja para reposição do quadro docente, seja para expansão do trabalho de ensino e pesquisa.

Neste contexto, há alguns anos o Setor de Artes Cênicas recebe um professor temporário com contrato de um ano renovável. A atuação deste

professor está submetida a várias limitações, não só pela exígua compreensão da estrutura do CAP e da UFRJ – o que é de se esperar, pois está iniciando seu trabalho na instituição - mas também pela sua condição contratual, que dificulta e até impede o seu exercício em determinadas atividades, tais como liderar o desenvolvimento de pesquisas ou orientar bolsistas, por exemplo. Portanto, a contratação de professor temporário não atende à totalidade das atividades do Setor, podendo, inclusive, debilitá-las ou fragilizá-las. Por outro lado, a presença de um novo profissional, com experiência e interesses diferentes permite renovar nossa prática com outras ideias, discussões e até mudanças no programa curricular.

Assim, a relação com o professor que não é efetivo é complexa, pois nos desafia a lidar concretamente com a nossa falta de “braços” para manter todas as tarefas de ensino e pesquisa do Setor e, ao mesmo tempo, nos permite dialogar com novos trabalhos e experiências. Sentimo-nos como em uma jornada de Sísifo: sempre recomeçando, sempre reconstruindo e, não podemos negar, sempre aprendendo, mudando e nos transformando também. A cada dois anos, convivemos com um novo colega, iniciamos uma relação, abrimos caminhos, formamos um vínculo fadado a desvanecer-se, a não medrar.

Por esta razão, dedicamos este último tópico a um relato pessoal da professora que está em regime temporário no período 2013-2014. É uma reflexão em forma de depoimento em primeira pessoa, sobre uma experiência particular. Acreditamos que a sua narrativa contribui com um olhar estrangeiro, de quem está naquele lugar em travessia. Atravessa e é atravessado por aqueles que ali habitam. Amplia, problematiza e desloca o espaço capiano para além de si mesmo.

Sigamos, então:

Ingressei como professora substituta no CAP-UFRJ no segundo semestre de 2013. Com o ano iniciado - vindo de uma longa greve entre os professores das instituições federais de ensino e a docência de outra colega de profissão, também substituta na unidade - procurei orientar meu trabalho inicial a partir de duas ações cotidianas em aula: o estímulo à afetividade (por meio de jogos em grupo de integração e observação) e a avaliação diária dos trabalhos realizados e rumos propostos. Atualmente, leciono para as turmas dos 7º e 9º anos.

A abertura de um espaço de discussão semanal para a organização da prática pedagógica do professor(a) substituto no CAP-UFRJ é, na minha experiência, um ponto positivo presente no setor de Artes Cênicas, que permite a abertura a reflexões relevantes no cenário atual da Educação, tais como a autonomia pedagógica do professor e o estímulo à pesquisa docente.

Alguns caminhos abertos durante o Mestrado que cursei na área de Ciências Sociais foram, desta forma, retomados para o trabalho junto às turmas

de 7º ano. Até o mês de agosto de 2014, estaremos desenvolvendo o projeto “A cultura popular em formas e objetos: trabalhando conteúdos para o ensino do teatro na escola”. O planejamento das aulas contempla princípios, referências e elementos da cultura popular que podem ser observados no universo teatral, buscando uma aproximação destes universos, tais como: a noção de grupo; o caráter lúdico, criativo e imaginário que permeia as práticas e saberes populares; a representação da realidade; a reunião de pessoas a fim de construir algo que distingue a ação no tempo real; as similaridades presentes entre a preparação física e mental dos brincantes e foliões do povo seguindo princípios comuns à formação do ator para a cena. O desenvolvimento desta pesquisa através de eixos de trabalho que buscam a sensibilização, reconhecimento, valorização e compreensão dos diferentes espaços e suportes cênicos disponíveis para o trabalho teatral tem sido revelador de como os estudantes desta faixa etária, neste contexto social, se relacionam com um tema – na maior parte das vezes – ausentes de sua vida cotidiana, mas presente na história familiar ou na abordagem escolar.

Em outra ponta, o trabalho junto ao 9º ano aborda a investigação de textos teatrais de diferentes origens e gêneros, buscando o estudo da iluminação cênica como elemento da linguagem teatral. Esta perspectiva de ensino também teve origem com outros trabalhos realizados anteriormente por mim, uma vez que propus retomar a ideia de estudar a iluminação e, juntamente, desenvolver um projeto que pudesse contemplar os demais trabalhos do setor – e mesmo da escola – que requisitam a criação, montagem e operação deste recurso cênico tão poderoso quanto os demais elementos de representação, como a cenografia ou figurino.

A orientação junto aos licenciandos é outro ponto importante na atuação docente no CAP-UFRJ. Há uma permanente troca de observações, leituras e avaliação durante as sessões, permitindo uma grande mobilidade em sala de aula, além de proporcionar a construção de um olhar crítico e reflexivo sobre a formação docente.

Nestas práticas de pesquisa e exercícios de interdisciplinaridade, observo que a possibilidade de investigação é, muitas vezes, paradoxal para a prática docente. Se por um lado nos estimula a criar, desenvolver, executar e complexificar os caminhos do ensino das Artes Cênicas na escola e, mais especificamente, com as turmas presentes no CAP-UFRJ, por outro esbarramos na carência de investimento (profissional, material e financeiro) das diferentes esferas do governo (federal, estadual e municipal) na educação pública e, obviamente, nos atores sociais presentes neste universo – estudantes, professores e funcionários. Concluo desta forma, por também ocupar o lugar de professora efetiva na rede municipal de Educação

do Rio de Janeiro, que o ensino-aprendizagem público é um espaço de disputa em constante transformação, conforme ingressam políticas e políticos com as mais diferentes perspectivas (e por que não dizer também expectativas) acerca das configurações que regem estes ambientes de ensino. Como professores e professoras, elo dos estudantes na escola, nos resta procurar dialogar com estas realidades que se impõem a partir de diferentes lógicas e, ainda, não nos esquecendo do nosso trabalho: humano e humanizador de áreas de conhecimento culturalmente tecidas por nós.

Somos um barco, navegando em um mar de estudantes que se comporta de diferentes maneiras, de acordo com a época, o tempo, o lugar, o horário e os objetivos que regem suas vontades próprias e também nossa navegação. Mergulhamos e depois retornamos, nos distanciamos e, às vezes, precisamos atracar para olhar e refletir: e agora? Como podemos lidar com as diferenças presentes entre a demanda desta turma e as diretrizes do sistema? Estas inquietações permeiam o nosso trabalho que é constantemente novo, inspirador, burocrático, exaustivo e desafiante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória histórica do Colégio é marcada por lutas políticas que procuram garantir seu espaço e reconhecimento na universidade e estabelecer uma prática democrática, demonstrando papel de liderança em novas propostas e reflexões sobre Educação. Este paradigma está presente no ambiente da escola, na sua rotina diária, nas conversas de corredor, na forma em que as questões pedagógicas mais simples são conduzidas. Este seu escopo institucional é também base para inúmeras argumentações, de defesa ou rejeição de propostas em reuniões decisórias, na justificativa para a organização do trabalho pedagógico e até na demanda pelo exercício de determinadas atividades acadêmicas dos docentes.

Um dos pleitos do colégio junto, não só às instâncias da UFRJ, mas principalmente do MEC, tem sido o reconhecimento e a consolidação desta natureza universitária das atividades docentes, asseverando uma identidade de espaço de pesquisa e formação de professores. Está escrito no Dossiê CAP-UFRJ (COLÉGIO DE APLICAÇÃO/UFRJ, 2000):

A trajetória do Colégio de Aplicação da UFRJ revela o compromisso dessa instituição com a busca permanente de caminhos políticos, administrativos, acadêmicos capazes de assegurar a plena autonomia do trabalho desenvolvido pela escola e pelo reconhecimento inequívoco, em todas as instâncias da Universidade e mesmo fora dela, do caráter universitário desse trabalho, comprometido com a formação de professores.

Outra preocupação trata de garantir que o CAP seja o espaço de estágio preferencial dos Cursos de Licenciatura, permanecendo com um papel importante na formação dos professores licenciados pela UFRJ. De acordo com o caráter de autonomia e em consonância com seus princípios educativos, o Colégio de Aplicação vem propondo e gerenciando uma prática de ensino junto à licenciatura, constituída de uma série de procedimentos de orientação e acompanhamento dos graduados, que envolve o Colégio, a Faculdade de Educação e o Instituto de origem. Muitas Unidades da UFRJ não se integram nesta forma de trabalho e deixam de enviar seus alunos licenciandos, em virtude das mais variadas, e às vezes insólitas, alegações. Conflitos de horário, dificuldade de acesso, discordância quanto a orientações pedagógicas e até questões de desavença pessoal ilustram as justificativas dadas. Esta batalha tem sido uma das mais significativas, porque representa um dos eixos fundadores do Colégio, que afiançam o porquê de sua existência.

Em vista do relato acima, é possível perceber o quanto o Setor Curricular de Artes Cênicas reflete a luta do Colégio. Há um empenho marcado não só por um desejo de alargamento de horizontes dos nossos saberes e práticas, mas também por um reconhecimento e expansão do espaço acadêmico do Setor de Artes Cênicas. No CAP, como em tantas instituições escolares, há setores que historicamente lutam para obter reconhecimento do seu trabalho acadêmico. Historicamente, as disciplinas de ensino de Arte reivindicam posição na rede de valores posta em funcionamento e movida pela escola, seja como campo de conhecimento imprescindível na formação escolar e desenvolvimento pessoal do indivíduo, seja como campo de pesquisa e estudo com relevância acadêmica. Tendo em vista este contexto, evidenciam-se os esforços do Setor em consolidar e ampliar suas atividades de pesquisa e extensão, além de afirmar sua prática na formação de professores, fortalecendo e aprimorando o acolhimento de licenciandos. Ademais, nos momentos de decisão administrativo-pedagógicos - seja no CAP ou em outras esferas da UFRJ - ainda faz-se necessário um cuidado em defender nosso trabalho, assegurando igualdade de condições acadêmicas. Isto acontece, por exemplo, na discussão de critérios de distribuição de vagas de professores para reposição do quadro docente, na concessão de bolsas e financiamentos, na distribuição de horários e na elaboração de calendário acadêmico, principalmente.

Por esta apresentação, também é possível observar que, no espaço das artes cênicas circulam diversos atores da comunidade universitária: alunos do CAP, professoras do CAP, docentes do ensino superior, funcionários e estudantes da Graduação, em um processo profícuo e múltiplo nas suas possibilidades de integração entre alunos de

Ensino Médio e Universitários, docentes e funcionários.

Professor, licenciandos e bolsistas atuam simultaneamente nas turmas. Forma-se um espaço de vivência, experimentação e reflexão; para a maioria dos alunos graduandos é a primeira experiência na escola. Há uma espécie de sobressalto com este lugar barulhento, confuso e contraditório. Sentimentos de desconfiança e insegurança, bem como as memórias pessoais da escola em que estudaram são normalmente as primeiras impressões que nos aparecem. E, no discurso, não raro se apresentam os lugares comuns: a escola é chata, opressora, com professores alienados que só se preocupam em passar conteúdo. Especificamente, quanto à disciplina de Artes Cênicas, as ideias que surgem são contraditórias: de um lado, a aula de Artes Cênicas aparece no discurso como uma espécie de “ilha” de prazer, em que a criança e o adolescente se realizam plenamente; de outro lado, procuram distinguir e qualificar experiências artísticas dirigidas àqueles que são “alunos”, das experiências artísticas de conduta profissional, orientadas no âmbito de competência dos que são “artistas”. Há ainda muitos que cursam a licenciatura como último recurso caso não consigam se colocar no mundo artístico: nesses casos, a escola é a pior possibilidade, ser professor torna-se um sinal de fracasso.

Parece que ninguém deseja mais estar na escola, que o espaço escolar tornou-se o pior e mais

desacertado dos mundos. Então, tornou-se um anseio nosso formar profissionais que compreendam sem fantasias o papel político e social do professor e que desejem atuar na escola,

A busca do Setor tem sido problematizar estas perspectivas, fazê-las dialogar com a complexidade e com a diversidade da escola. O cotidiano institucional é desarmônico, por vezes hostil, exige de seus habitantes uma grande capacidade de enfrentamento da precariedade, da desvalorização do trabalho, do descaso político e social. Mas não é só isso. É preciso dar a ver os afetos que são tecidos nas salas e nos corredores, a intensidade do que acontece na sala, a diferença que faz o professor. É urgente desvendar a paixão do professor (seja de qualquer disciplina) pelo seu campo de saber, o desejo de transformar, o vínculo com as crianças e os adolescentes. Refletir sobre o quanto o professor é um resistente e um resiliente.

Muitos se surpreendem com a diversidade do CAp, com as possibilidades do Colégio, com o comprometimento, competência e disposição para o estudo e a pesquisa dos professores. Ficam encantados com a capacidade de criação e compreensão poética dos alunos. Dão-se conta de que é possível fazer arte e ser artista na escola. Também há os que continuam desconfiando, os que não se reconhecem naquele lugar e os que sequer se permitem ser tocados. Porém, persistimos e continuamos tal como sugere Guimarães Rosa: “Sem malícia, com paciência, sem insistência, principalmente.”

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. T. B. (1984). *Arte-Educação: conflitos e acertos*. São Paulo: Max Limonad.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa as Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º graus. Brasília, DF.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF.

CERTEAU, M. (2000). *A Invenção Do Cotidiano: artes de fazer*. Vol.1. Petrópolis: Vozes.

MACHADO, C. J. (Celeia) (2004). *Fazer Teatro na Escola... Por Que Não?* estudo sobre a produção teatral no espaço escolar. Dissertação (Mestrado em Artes) Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. (2010). *Identidade Expressiva do Ator*. Tese (Doutorado em Artes) Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

NOVO, M. F. S. (1994). *Artes Cênicas: conflito de imaginários de seus professores no município do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MARTINS, M. B. (2002). O Mestre-Encenador e o Ator como Dramaturgo. *Revista Sala Preta* - Publicação do Departamento de Artes Cênicas. São Paulo: ECA/USP.

SILVA, A. P. (2009). *O Jogo Como Indutor da Encenação: uma proposta para o teatro na escola*. Dissertação (Mestrado em Teatro) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO/UFRJ. (2000). *CAp-UFRJ* - perfil institucional. Rio de Janeiro.

¹ Doutora em Artes pela UNICAMP. Professora de Artes Cênicas do Colégio de Aplicação da UFRJ.

² Mestre em Educação pela UFRJ. Coordenadora do Setor de Artes Cênicas do Colégio de Aplicação da UFRJ. Professora de Artes Cênicas do Colégio de Aplicação da UFRJ.

³ Mestre em Teatro pela UNIRIO. Professora de Artes Cênicas do Colégio de Aplicação da UFRJ.

⁴ Mestre em Ciências Sociais pela UFRJ. Professora de Artes Cênicas do Colégio de Aplicação da UFRJ.

⁵ De acordo com a grade curricular do curso de Artes Visuais, os seus alunos podem, além de estagiar na sua área específica, cumprir uma parte da sua carga horária conosco.

⁶ Firmamos, desde o final da década de 1990, um convênio com a Licenciatura da UNIRIO, de forma a que os seus alunos possam estagiar conosco. Para ambas as instituições, esta troca é frutífera, já que a UFRJ ainda não dispõe do curso de Licenciatura em Artes Cênicas, nem a UNIRIO possui um Colégio de Aplicação.

⁷ Segundo Certeau, há um modo de atuar no mundo que é produzido pelas demandas do dia-a-dia, que transforma e inventa a vida diária. São processos silenciosos e criativos, aos quais denomina de artes de fazer. Em linhas gerais, ele define por artes de fazer as maneiras de agir que se originam e se arquetam no uso e na combinação dos elementos de uma estrutura estabelecida que estejam à disposição. É a forma artilosa e lúdica do homem comum resistir e negociar a ordem vigente.

⁸ “A pedagogia entendida não só como ‘a comunicação de uma experiência e de um saber’, mas também como uma ‘investigação coletiva sobre o homem e o teatro’(...)” (MARTINS, 2002, p. 204).